

572

Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro

Março de 1918

N. 2

Distribuição gratuita

As eleições

Realizou-se, nos dias 1 e 2 do corrente, com ezito mediocre, a grande farsa eleitoral para presidentes da republica, deputados e senadores. Esperimentou-se nova lei do sufragio, da qual esperavam os demócratas injennos grande moralização. Eis como a *Noite*, (n. de 2 do corrente) organ insuspeitissimo, carateriza tal moralização: «A grande novidade das eleições foi a compra de votos, antes e durante o pleito, operação essa que para alguns candidatos representa uma despeza de algumas dezenas de contos de réis». E aí está... Não ha sinão que concluir, cada vez mais, com o Sr. Ruy Barboza, que há tempos escreveu: «A Republica é o voto. Mas o voto é a fraude. Logo a Republica é a fraude». Tal e qual, conselheiro!

A proposito das eleições a *Aliança Anarquista de S. Paulo* publicou um excelente manifesto, que sentimos não poder reproduzir na integra. Mas o seguinte pedacinho sintetiza perfeitamente o pensamento dos anarquistas sobre o sufragio: «Nós nada temos com as eleições—e o nosso conselho aos eleitores é um unico: que não votem seja por quem fôr...»

O Brazil na guerra: a atitude dos anarquistas

Os anarquistas, os operarios e o estado de guerra—Calar-nos é impossivel. Nova insidia ameaça-nos, a nós e ao movimento operario neste estado. E não é já da liberdade de alguns individuos e do direito da associação, que se trata. E' o valor moral da ação proletaria e da ação de partido que se quer diminuir, infamar.

Os nossos inimigos, os adversarios da emancipação dos trabalhadores, os governantes que afirmaram sem reticencias re-presentar e defender os interesses das classes que teem algo a perder, isto é, os interesses dos capitalistas: dos fazendeiros indigenas, dos industrias estrangeiros e até mesmo alemães e da alta finança que explora todas as patrias, pouco confiantes nos resultados de suas investidas reacionarias, visto que a violencia ameaçava quebrar-se contra a couraça de fé dos homens aos quais assiste a força do direito, aproveitando-se da eccecionalidade do momento, da superecitação nacional e do estado de guerra que dezejariam ver completado pelo mais despotico estado de sitio, tentam agora ferir-nos de morte, preparando o alibi para cada feroz reprezalia, com apontar-nos à opinião pu-

blica como vendidos aos alemães, como agentes do panjermanismo.

Esta calunia infame e infamante, digna de quem até hoje tem subsidiado a imprensa jermanofila e tem continuado a negociar com os mais conhecidos e os maiores agentes de negocio da Alemanha no Brazil, posta hoje em circulação como moeda corrente, concretizar-se-á amanhã numa acuzação franca, logo que se creia chegado o momento propicio para colher da vil maquinação o fruto apetecido.

Desta vez, porém, a insidia não frutificará. Estamos dispostos a tudo para provar que não somos nós os vendidos.

Não somos diplomatas nem estrategicos com ostentações nacionalistas e pouco nos importa verificar si o decreto que sanciona o estado de guerra, para o Brazil, contra a Alemanha, é constitucional e si podemos consideral-o espontaneo ou como simples resultante de uma nova torva empreza de pirataria tudesca.

As nossas idéas sobre a guerra e as razões da nossa opozição espuzemol-as mais duma vez e compendiámol-as no manifesto da «Aliança Anarquista» (de S. Paulo), distribuido, mezes atraz, profuzamente em todo o Brazil.

Os ultimos acontecimentos, por nós previstos, não nos surpreendem: antes, achamo-nos calmos em nosso posto, de onde não dezetaremos.

Não teriamos portanto abordado novamente este assunto, si diante de nós não se tivesse aberto o abismo cavado por quem a todo tranze, por odio aos ideais de redenção social, quer perder-nos e dezhonrar-nos.

Eis-nos, pois, obrigados a repetir ainda quanto criamos haver dito bem aldo outras vezes e que tivesse sido comprendido.

A imane conflagração já agora intercontinental deslocou todos os valores, permite todas as hipotезes e sujere todas as duvidas. Já não sabemos a quem dar credito, nem é mais facil distinguir os sinceros dos vendidos, os patriotas dos negociistas, os demócratas dos imperialistas, os que são pelas reformas e os que querem reportarnos á idade-média. Lojico é pois que nos ponhamos de parte e não nos deixemos arrastar em movimentos que não temos hoje a força de rumar para o nosso Ideal. Os homens que nos falam de justiça, de direito, de liberdade, que nos asseguram querer abater o militarismo e a opressão economica estabelecida pela espoliação imperialista, que provas nos teem dado, até hoje, da sinceridade dos seus intentos e propozitos?



Vitimas que estamos sendo de uma das mais torpes burlas, de uma das mais baixas traições, podemos nós dar credito a tais palavras e promessas?

Logo, o que nos cabe fazer é congregarmos em torno da nossa bandeira e esperar a nossa hora, que ela ha de vir, visto que a guerra já não é dado rezolver os problemas que se propuzera. Mas não confundamos a expectativa com a neutralidade ocioza e dispeptica. As nossas idéas, justas hontem, ainda mais justas parecem hoje. Calal-as, tel-as em silencio, seria vileza, seria renuncia. Sigamos, pois, camaradas, pela nossa senda, recuzando-nos a assumir a minima parte de responsabilidade moral na horrenda trajedia dezencadeada por cupidas rivalidades de hejemonias politicas e commerciais; trajedia de que nenhum governo participa sem ter antes calculado as compensaçõis e em que não se levam em linha de conta os milhões de homens, de proletarios, que se mordem, dilaceram-se e morrem, impelidos para a carnajem medonha com frazes sonoras, nas quais abundam as palavras que para os proletarios sempre ficaram sem sentido.

Dizemos hoje o que sempre dissemos: Dai-nos uma patria e defendel-a-emos; dai-nos uma bandeira de liberdade, que por ela morreremos...

Mas uma vez que não quereis ou não podeis dar-nos uma patria que seja de todos e uma liberdade que não seja de poucos, deixai que nos ponhamos de parte. E si esta nossa abstenção vos parece delituoza, puni-nos com as vossas leis, mas não nos calunieiis, não nos emporcalheiis com a vossa baba.

Eramos contra o imperialismo prussiano já quando ereis seus admiradores e servos. Já quando de cincoenta anos que nos batemos igualmente contra aquele socialismo tedesco que todos admiraram pelo seu espirito de diciplina e compostura. Não foi hontem que se romperam os nossos laços com tal jente.

E que de comum poderia jamais haver entre nós e um governo despotico?...

Dir-nos-eis que falando de paz fazemos o jogo dos imperios centrais. Mas bem sabeis que estais a mentir, porquanto sabéis que a nossa paz não é a dos alemães nena dos aliados; não é a paz branca, mas a paz vermelha. E desta paz nós sabemos que sois todos inimigos, alemães e não alemães, governos de opressão, partidarios da deziqualdade economica.

Persegui-nos, pois, pelas nossas ideas, si tal vos convem, mas não nos atribuaiis alianças que dezhonram, deznignios que podem ser alimentados somente por quem aspira ao suicidio moral e material, somente por quem está habituado a negociar com tudo, a comprar jornais e homens.

Não somos, senhores, pela vossa guerra, nem pelo militarismo prussiano, que tem em nós os verdadeiros inimigos. Porque somos os inimigos de todos os imperialismos.

Quem faz o jogo dos imperios centrais não somos nós, sinão vós, que vos opondes

com os fatos e com a violencia àquela união sagrada cuja apolojia vós fazeis só por palavras; sinão vós que considerais a patria um feudo de alguns salteadores indijenas ou estrangeiros, e que tudo negais aos trabalhadores, desde o direito de reunião ao de uma igual retribuição pela fadiga quotidiana.

Vendidos não somos nós que por unica propriedade temos uma fê—fê que não tem preço e não se barganha—mas os que aos industriais inimigos, contra os trabalhadores nacionais, oferecem a defeza da policia armada.

E visto que o governo federal já declarou que a propriedade e a vida dos capitalistas alemães, não obstante o estado de guerra será tutelada, nós oferecemos aos trabalhadores alemães. àqueles que ficaram fieis à doutrina socialista-anarquista e que, dentro como fora da propria nação, só tem encontrado inimigos e que, como nós, não tem direito a uma patria mãe de todos, oferecemos a nossa solidariedade: solidariedade que não tem preço, que se dá e não se vende.

Temos dito.—Os anarquistas de «Guerra Sociale.»

(Este manifesto, publicado em avulso, como suplemento a *Guerra Sociale*, suspensa ao declarar-se a guerra, não traz data, mas foi distribuido no mez de novembro do ano findo, pouco depois do decreto de declaração do estado de guerra.

Atuação antiguerreira em França

De uma cronica de Paris, mandada para *Tierra y Libertad* (n. de 9 de janeiro), de Barcelona, assinada He Gales e datada de 17—12—17:

«*L'Echo de Paris* lança, sobre o nosso camarada (Sebastião Faure) as maiores acuzaçõis. Diz, no seu libelo, que «Faure tem sustentado uma campanha antimilitarista, defectista, internacionalista e bochofla». Que Faure distribuí tratados clandestinos, organiza tumultos, facilita a dezerção e sustenta a campanha defectista nos trens de licenciamentos temporais.

Mas como si isso não fora infamia sufficiente, o autor dessa imundicie declara que *Ce qu'il faut dire* vive das verbas secretas do ministerio do Interior, e que M. Malvy compra a colaboração de S. Faure mediante 5.000 francos.

O nosso camarada, que por achar-se enfermo não pode responder à convocação de um juiz de instrução, não pode verossimilmente responder a tão infames acuzaçõis.

Entretanto, o camarada Mauricieu declarou em *Ce qu'il faut dire* que ele substituí Faure e tomará como injurias pessoais todas as calunias dirijidas à administração ou à redação do periodico.

E acrescenta: *Ce qu'il faut dire* foi fundado por Faure e por mim. Todo o diuheiro para a sua fundação foi trazido

por mim. *Ce qu'il faut dire* tem sido voluntariamente uma obra pessoal. Nós sabíamos, Faure e eu, que manter a difusão dos nossos ideais em plena guerra havia de ser uma obra difícil e perigosa. Eu declaro aqui, do modo mais formal, que as quantias entradas de fóra são provenientes dos subscritores, dos assinantes e da venda de livros.

Mente quem declarar o contrario, e digo ao cobarde anonimo de *L'Echo de Paris*, ou a seus acolitos, que, si ainda sustentar que *Ce qu'il faut dire* é alimentado pelas verbas secretas do ministerio do Interior, sou eu quem, na auzença de Sebastião Faure, lhe pedirá satisfações sobre o assunto.»

Depois disso, porque Faure continúa encarcerado e «a reação estúpida e feroz ameaça acabar com os ultimos restos de liberdade», os amigos de *Ce qu'il faut dire* fizeram um apelo a todos os camaradas anarquistas, sindicalistas e socialistas revolucionarios da França, em favor de maior atividade e coezão, com o fim de alcançar o triunfo definitivo do ideal internacional, que é o nosso.

Tal é a ação do movimento liberador até esta data e neste paiz das declarações dos direitos do homem e do cidadão».

A grandissima Democracia...

De uma cronica da America do Norte para *Tierra y Libertad* (n. de 26 de dezembro), assinada por G. P. M. e datada de Filadelfia, em 19 de novembro de 1917:

«Depois dos grandes e inolvidaveis acontecimentos de Chicago, quando explodiu a misteriosa bomba no grandiozo meeting de Haymarket; depois das violencias, negaveis de Colorado; depois dos assassinios em Lawrence, New York e outras localidades; depois do ignominiozo procedimento por parte do fiscal na cauza dos companheiros Mooney, Billinge e outros, em S. Francisco; depois das mais inolvidaveis violencias cometidas por parte dos chamados «Comités de Cidadãos», em Tampa, e ultimamente em Bisbee; depois do barbaro e criminozo ato de que foi vitima o companheiro Franck B. Little, em Butta; depois dos assaltos ás sedes da União dos Trabalhadores Industriais do Mundo (I. W. W.), tomangose as autoridades a *liberdade* de carregar tudo quanto lhes convinha; depois de instaurar processos contra os companheiros trabalhadores, por motivo do seu interesse em organizar a classe proletaria; depois de, ultimamente, cometer a inominavel selvajeria de «assaltar» um vagão em que iam 17 operarios prezos, e, pelo simples fato de serem socios dos I. W. W., levar-os a um dezerto e ali desnudal-os e chicoteal-os, bezuntando-os de alcatrão ou couza semelhante, vestindo-os com penas e deixando-os em meio de um bosque, havendo até esta data aparecido apenas 3 deles, ignorando-se o que foi feito dos outros; depois de tudo isso e de muito mais que não tenho em mente e que encheria paginas inteiras, tra-

ta-se de fazer dezaparecer um organismo operario, como é o dos Trabalhadores Industriais do Mundo, pelo fato de ser antipolitico e revolucionario e, portanto, inimigo da guerra.

Hoje, naquele mesmo lugar (que nós, os trabalhadores anciozos de libertação da tutela governamental, não podemos esquecer) em que estiveram aqueles companheiros enforcados de 1887; naquela mesma cidade, naquele mesmo inolvidavel carcere, encontram-se 100 companheiros nossos...

... Depois de dez anos de atuação dos I. W. W., cujo prefacio aos respectivos estatutos se tem publicado regularmente em todos os Estados Unidos, bem como tambem toda a especie de literatura libertaria, da qual os nossos inimigos, nunca se haviam preocupado, na crença de que as nossas idéas não podiam levar-se á pratica e que não encontraríamos raiz, eis que agora o «Grande Jurado» declarou culpados 166 operarios e propagandistas; sem outro objeto que o de fazer dezaparecer um orgam que vai criando uma força importante, devido ao descontentamento e ao malestar criado pelos mesmos senhores que hoje nos perseguem.

... E' necessario mostrar ao mundo operario que aqui, como em todos os paizes autocratas, eziste a tirania, a opressão e a idéa de humilhar, não importa em que condições, á classe produtora. Aqui não ha liberdade de imprensa, não ha liberdade de palavra, não ha liberdade de reunião para levantar a voz contra a miseria, contra a opressão e as violencias de que somos vitimas os trabalhadores. A liberdade de palavra está proibida para todo aquele que queira dizer verdades; a liberdade de imprensa está suspensa, suprimindo-se aos jornais o direito de circular pelos correios, nem por outros meios, a risco de se encarcerarem editores e distribuidores. Numa palavra: o carcere, o patibulo, a cadeira electrica, o fuzilamento para todo aquele que tenha a audacia de dizer as couzas claras e a verdade nua».

Confirmando integralmente essas palavras, eis o que a Americana nos transmite em telegrama de New York, datado de 3 do corrente: «O Departamento do Trabalho publicou um decreto estabelecendo as normas para a deportação dos agitadores que preconizem a anarquia, a deposição das autoridades e o assassinato de funcionarios (1), ainda mesmo que não tenham cometido nenhum desses crimes».

(1) Reparai na insidia calunioza... Os anarquistas nunca *pregaram* o «assassinato» de funcionarios. Eles pregam a *revolução social*. Agora, é claro que a revolução fará vitimas de parte a parte, o que sempre se deu nas revoluções politicas burguezas, e em todo o caso muito menor numero, infinitamente muito menor numero de vitimas que as guerras da burguezia, como a atual...

A situação na Italia

O acaso fez-nos cair em mãos uma interessantíssima carta recebida nesta cidade, por pessoa de nacionalidade italiana, de um soldado italiano, ido do Rio a defender a patria contra os austriacos. Traduzimos, dessa carta, sem comentarios, o seguinte trecho capital:

«Imagine que desde o dia em que cheguei a Italia (depois que parti do Rio) não tive uma hora só de calma e o que sofri e ainda soffro só Deus o sabe! Melhor fóra não houvesse partido e deixasse-me ficar no Rio. Como me arrependo! Estou soffrendo tantas e tais humilhações que ninguém do meu feitio jamais pode soffrer nem nunca soffrerá.— Demais, quanto á guerra, estão a fazer tantas e tais palhaçadas, que dão ás vezes vontade de rir: as ordens e contra-ordens succedem-se de meia em meia hora, dando-me a impressão de achar-me entre os petizes da escola primaria. Cometem alem disso tantos abuzos, que nem sei que raça de governo temos. E dizer que nem podemos falar, porque á menor palavra de revolta, temos o conselho de guerra, 19 ou 20 anos de reclusão e, ás vezes, o ergastulo. Relativamente á vida civil, peor ainda: em todos os estabelecimentos quem quer que passe meio dia em folga, vai logo prezo como os soldados e, si ha reincidencia, é condemnado segundo a importancia de seu trabalho. Dizem-me que na Alemanha impera o rejimem do terror; pois na Italia o que vejo parece-me o rejimem do massacre. Quanto aos viveres, não se acha mais nada e, quando algo se acha, paga-se a preço ezorbitante. Por ezemplo: o pão, o governo paga a 70 cent, o quilo, mas que pão! Chegaram a pôr-lhe dentro castanhas podres e em algumas rejdiões até serrajem (como na Campania). Depois dizem que na Austria se come pão feito de pau! Muito ao contrario, nós é que o comemos. O assucar custa 4.00 liras e 4.50, sendo tudo sacarina (ora, o governo diz que não faz mal!...) Ovos, quando os ha, custam uma fortuna, 40 cent. a 60 cada um; banha a 8 e 9 liras, toucinho de 10 a 12; azeite de 6 a 7. Quanto ao vinho, ha em grande quantidade porque se pode fabricar quanto se queira. Imagine: aquele vinagre que em tempo de abundancia se jogava fóra e em tempo de carestia (afóra direitos) se pagava a 12 e 13 cent. o litro, custa agora uma lira, e um pouco de vinho, não digo bom, porque seria muito luxo, mas mediocre, tal o que em Napoles em tempo de magras colheitas se paga a 30 e 40 cent. o litro, paga-se agora a 180, 160, 170 o litro. Quanto ao vestuario, os preços atuais, si não são 3 vezes maiores que os do Brazil, pouco falta: os sapatos, um par que antes se fazia por 12 e 13 liras, agora não se pode fazer por menos de 50 ou 60 liras. Um horror! Si lhe quizesse falar de tudo, teria que escrever 10 anos sem parar. E o cambio? O dolar custa 8.50, 8.80, a esterlina de 40 a 45 liras. 100 liras francezas custam entre nós 182 e 100 liras suissas 180. Não

continúo: de contrario, quem sabe onde irja acabar...»

Conferencias

Multiplicam-se, agora, as conferencias de propaganda, ótimo sintoma da atividade renacente. E o que é melhor é que, nas organizações operarias, são as proprias organizações que as promovem e convidam os nossos conferencistas. Assim, na segunda quinzena de fevereiro, realizaram-se as seguintes: *A solução russa*, por José Oiticica, na União dos Operarios em Fabricas de Tecidos no dia 16; *A educação operaria*, por Carlos Dias, na União Jeral dos Operarios em Calçado, no dia 20; *A situação universal*, por José Elias da Silva, também na U. dos O. F. de Tecidos, no dia 23.

Este mez de março elas se vão fazendo ainda mais frequentes, tendo o camarada Alvaro Palmeira iniciado um *Curso de sociologia* no dia 1, devendo continual-a semanalmente, na sede e por iniciativa da União Jeral da Construção Civil.

Grupo de Propaganda Anarquista de Niteroi

Esta agrupação, fundada em meados de 1915, continúa, indefectivelmente, com apreciavel tenacidade, a sua obra serena de propaganda. A sua especialidade é a edição de manifestos e boletins. Ainda o mez passado distribuiu um sobre o *Carnaval*, *Apelo ao bom senso*, a propozito do qual julgou a policia desta cidade que devia mover a sua perseguicaozinha. O caso foi este: quatro camaradas, um de Niteroi e os outros tres aqui do Rio, foram prezos e detidos durante 24 horas na policia pelo «crime» de distribuirem o dito manifesto. Era uma prisão injustissima, escandalosa quizi, da qual tomou conhecimento a imprensa, tendo a *Recção* profligado a violencia e transcrito na integra o manifesto. Assim, a prisão e a apreensão de algumas centenas de exemplares do mesmo deu um resultado absolutamente contraproducente, pois que provocou uma divulgação muitissimo maior das do *Apelo ao bom senso* sobre o *Carnaval*...

Eis, agora, uma estatística dos boletins e manifestos até hoje distribuidos pelo grupo de Niteroi: *O sorteio militar*, em novembro de 1915, 2.000 exemplares; *Serviço militar obrigatorio*, dezembro de 1915, 1.000; *O que os anarquistas querem*, dezembro de 1916, 4.000; *O ideal libertario* (tradução, em forma de folheto), janeiro de 1917, 1.000; *Contra a guerra* (reprodução dos anarquistas de Londres), fevereiro de 1917, 3.000, *Ao publico* (reprodução de 2 antigos artigos antimilitaristas de Bilac, em forma de folheto), março de 1917, 2.000; *O anarquismo e a guerra europeá*, abril de 1917, 3.000; *1.º de Maio*, maio de 1917, 3.000; *A unica salvação*, junho de 1917, 3.000; *A crise e as suas causas*, (reprodução), janeiro de 1918, 3.000; *Carnaval*, *Apelo ao bom senso*, fevereiro de 1918, 3.000; *Trechos rebeldes*, março de 1918, 3.000.

